



VII Simpósio Nacional de História Cultural  
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,  
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**USO DE CORRESPONDÊNCIAS E BIOGRAFIA: A PESQUISA SOBRE  
D. DOMINGOS ANTÔNIO DE SOUSA COUTINHO**

Debora Cristina Alexandre Bastos e Monteiro de Carvalho\*

Diante da leitura sobre as relações internacionais portuguesas em finais do século XVIII e início do XIX, um personagem me chamou atenção: D. Domingos Antônio de Sousa Coutinho que participou de diversos intentos das relações exteriores em meio ao conturbado período instaurado com as investidas napoleônicas. O período em que esteve em Londres, mais especificamente entre os anos de 1807 a 1810, foi o objeto de minha dissertação cujo foco foi a atuação de D. Domingos na negociação da Convenção Secreta de Londres de 1807, na consequente abertura dos portos brasileiros às nações amigas em 1808, e na negociação e escrita dos tratados de Aliança e Comércio de 1810. O objetivo da pesquisa referente a esta dissertação era demonstrar a participação deste personagem nestes três momentos, visto que ele era um personagem pouco conhecido e que estava sempre à sombra de seu irmão, D. Rodrigo de Sousa Coutinho. Tirá-lo da sombra, esta era a finalidade.

Pouco se sabe sobre D. Domingos, em geral, quando mencionado, o é para demonstrar determinado contexto, sem que se tenha um trabalho específico sobre ele. Ou pelo menos, não se tinha até a finalização da dissertação anteriormente mencionada.

---

\* Aluna do curso de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora sob a orientação do Prof. Dr. Alexandre Mansur Barata no projeto denominado: Um Homem de Estado no alvorecer da Modernidade: D. Domingos Antônio de Sousa Coutinho (1762-1833). Bolsista da CAPES. Email: debbyhistoria@yahoo.com.br

Alguns de seus irmãos já foram, e continuam sendo, vale destacar, alvo de diversas pesquisas.<sup>1</sup> O que não ocorre com D. Domingos.

Diante da pesquisa realizada para a dissertação, dos trabalhos realizados sobre seus irmãos, e principalmente, pelo interesse em desvendar mais sobre este personagem tão pouco mencionado, propus-me a pensar em escrever a biografia de D. Domingos. De certa forma, ao pensar em escrever a biografia de D. Domingos Antônio de Sousa Coutinho, tomei por base a ideia de Andree Mansuy de pensar um personagem em suas múltiplas vertentes trazendo a tona sua vida pública (que aqui seria traduzida por sua participação na diplomacia portuguesa e tendo como foco a sua vida enquanto o que denominei como um Homem de Estado). E por outro lado, a privada que teria como objetivo saber um pouco mais de sua vida antes disso, sua formação acadêmica, seus autores preferidos, sua vida antes da diplomacia. Como inicialmente tratava-se de um projeto de pesquisa para o doutorado, com o tempo, tal projeto tomou algumas nuances para que fosse colocado em prática. Diante disso, repensar o fazer biográfico tornou-se um fator importante no desenvolvimento da pesquisa, visando aliar, dessa forma, os aspectos teórico-metodológicos à pesquisa aqui mencionada.

Segundo Sabina Loriga, a reflexão biográfica durante o século XVIII desenvolveu em duas bases: “além da vida dos santos e dos reis, interessou-se cada vez mais pela e poetas, soldados ou criminosos; e adota um tom mais intimista”.<sup>2</sup> No século XIX que o fazer biográfico se pôs como um ofício. E ainda segundo Sabina, isso se deveu a alguns autores como John Morley, James Parton, Charles-Augustin Sainte-Beuve. No século XX, a tendência era manter a biografia à margem das discussões historiográficas. Na revista dos Annales de 1988, os editores chamaram atenção para um período incerto criticando o retorno da narrativa, do acontecimento, do político da biografia. No ano seguinte, tal revista protagonizou uma abertura dando lugar a textos como o escrito por Giovanni Levi intitulado “Usos da biografia”. Aos poucos, essa “sensação de crise foi sendo minimizada e parte do debate incorporado ao antigo modelo macroestrutural da

---

<sup>1</sup> Podemos destacar o estudo realizado sobre D. Francisco Maurício de Sousa Coutinho, escrito por Luiz de Mello Vaz de São Payo (PAYO, 1994) e a historiadora Márcia Motta. O outro irmão que mais recebeu atenção tanto da historiografia portuguesa e brasileira, D. Rodrigo de Sousa Coutinho foi e ainda é o foco de diversos estudos.

<sup>2</sup> LORIGA, Sabina. **O pequeno X: da biografia à História**. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2011

Escola dos Annales”<sup>3</sup>, como aponta Adriana Barreto. A preocupação com o uso de biografias ou de trajetórias volta a tona após o processo denominado por René Remond de “Renascimento da História Política”. Neste processo, a história política passou a dialogar com outras disciplinas tais com a ciência política, a sociologia, a literatura passando a ter como objeto de estudo processos eleitorais, partidos políticos, grupos de pressão, opinião pública, mídia e relações internacionais. Diante deste quadro, o que não podemos negar é que a biografia continua no centro dos debates historiográficos.

Algumas questões podem ser consideradas como centrais no que tange ao fazer biográfico. E, neste trabalho, focarei em três. É importante destacar que tais questões não esgotam o assunto, mas neste momento, são elas que mais causam inquietude no desenvolvimento da pesquisa sobre D. Domingos de Sousa Coutinho. A primeira delas é a necessidade que o biógrafo que segue o método historiográfico tem de ter uma questão que norteie a sua pesquisa, tal ponto abarca algumas questões que nos ajudam a pensar na biografia sem a pretensa ilusão de se abarcar toda a vida do biografado. A segunda delas trata-se da relação do biógrafo com as fontes históricas e, por último, a relação entre indivíduo e sociedade.

### **A QUESTÃO: BIOGRAFIA DE D. DOMINGOS ANTÔNIO DE SOUSA COUTINHO**

Como dito anteriormente, a pesquisa aqui apresentada teve inicialmente como foco, a vida de D. Domingos enquanto um homem de Estado no alvorecer da Modernidade. Algumas reflexões, no entanto, são necessárias. A professora Márcia Gonçalves sempre chama atenção para o fato de que a biografia deve ter uma questão. Sobre esta, dois pontos devem ser analisados. O primeiro deles é que de certa forma, o projeto mostrou-se interessado em discutir a vida de Domingos dentro de um rótulo em que já a hipótese era a de que ele havia sido formado para ocupar tal lugar. Este viés denuncia algumas nuances que devem ser pensadas no desenvolvimento da questão para este projeto. A primeira delas é justamente a tentativa de enquadrar o personagem, trazendo, assim, a discussão de que ele exerce de certa forma de uma liberdade que por vezes é esquecida pelo biógrafo. Em seu texto para a Revista do Annales, ao discutir os

---

<sup>3</sup> Idem

usos da biografia, Giovanni Levi indaga: “Pode-se escrever a vida de um indivíduo?”<sup>4</sup> Tal questão nos assombra desde a renovação da História Política e a abertura a para biografia. Por trás desta questão, Levi chama a atenção para alguns problemas que por vezes poderiam “se esvaziar em meio a certas simplificações que tomam como pretexto a falta de fontes”<sup>5</sup>. Esta, no entanto, segundo ele, não seria a maior dificuldade a ser superada pelos historiadores que estudam trajetórias e biografias. Já em 1989, Levi apontava que biógrafo deveria ficar atento para que não se caia na ilusão de que os atores históricos obedecem a um modelo de racionalidade anacrônico e limitado. Seguindo uma tradição biográfica estabelecida e a própria retórica de nossa disciplina, contentamo-nos com modelos que associam uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incertezas.<sup>6</sup>

Tal citação ajuda na percepção do que acredito que seja um dos entraves em se empregar a biografia em uma pesquisa: a crença na linearidade da trajetória de vida do homem, acreditando que este segue um sentido único e que não sofre mudanças. A crença na linearidade traz consigo outra pretensa ilusão, que seria o fato de que seria possível abarcar toda a vida de um indivíduo ao escrever sua biografia, muitas vezes denunciada pela tentativa de se fazer a biografia seguindo uma lógica cronológica e que, em geral, abarca o nascimento, os anos de formação e finalizando com a morte. Bourdieu acredita que a biografia estaria

organizada como uma história que transcorre, segundo uma ordem cronológica que também é uma ordem lógica, desde um começo, uma origem, no duplo sentido de ponto de partida, de início, mas também de princípio, de razão de ser, de causa primeira, até seu término, que também um objetivo.<sup>7</sup>

A ordem cronológica não seria a única forma de se escrever uma biografia existiriam várias outras formas. A historiadora francesa deixa claro que esta é uma das críticas que eles faz ao Bourdieu e aponta:

Basta pensar em Plutarco, que enfatiza mais o caráter e as qualidades morais da personagem do que a sua vida. No início do século XX, o

<sup>4</sup> LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta e AMADO, Janaína (org). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

<sup>5</sup> Idem. P. 169.

<sup>6</sup> Idem.

<sup>7</sup> BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: FERREIRA, Marieta e AMADO, Janaína (org). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996. P.184

grande biógrafo Lytton Strachey prefere uma narração sintomática, apoiando-se, essencialmente, nos momentos-chave (as conversações, os traumas, as crises econômicas, as separações afetivas). Não existe nenhuma regra formal nesse domínio, nem mesmo no que diz respeito às características individuais. Inúmeros biógrafos exaltam-nas, mas alguns as minoram em proveito das semelhanças, na esperança de representar um tipo médio, ordinário.<sup>8</sup>

Bourdieu se utiliza de uma visão mais sociológica. A biografia seguiria, calcada numa ilusão, em uma linha da vida que teria um início, um meio e um fim. A biografia seria, portanto, um nível de análise social em que biografar significaria mapear o campus. A questão da biografia para Bourdieu seria ir em busca do lugar em que o indivíduo ocuparia neste campus. Ou seja, para ele o indivíduo só contribuiria para uma análise de social.

Acredito que tal discussão nos leva a outro ponto muito comum, atualmente, por vezes, vemos a biografia como sendo um trabalho árduo, e por vezes, estudiosos se valem de *mea culpa*, dizendo que sua pesquisa não se trata de uma biografia, mas sim, de uma trajetória. O conceito de trajetória é muito utilizado como um dos vieses do fazer biográfico. Tal conceito, largamente utilizado pelas ciências sociais, ainda está sendo descortinado pelos historiadores. Sua principal característica estaria no fato de que a trajetória pensaria o indivíduo em suas múltiplas ações, ou seja, dentro destes vieses o biógrafo poderia tratar de alguns destes sem a pretensão de abarcar sua vida na totalidade.

Adriana Barreto se empenhou em pensar o conceito de trajetória e chama atenção para dois pontos chave, o primeiro deles é levar em conta, justamente, a crítica da ilusão biográfica de Bourdieu que apregoa este *cursus* tendo como cerne o nome próprio. Bourdieu acredita que o mundo social busca a identificação da normalidade com a identidade. O nome próprio seria o representante da individualidade frente às análises macro-históricas.<sup>9</sup> A partir dele, pode-se traduzir algumas iniciativas de se fazer uma redução de escala, buscando não apenas analisar uma especificidade, mas também buscando através dela uma noção mais geral. Segundo Bourdieu o nome próprio constitui o ápice da biografia e da mudança na visão dos historiadores que anteriormente apenas possuíam visões das massas ou de heróis. Sobre o nome próprio, dessa forma ele declara:

<sup>8</sup> SOUZA, Adriana B. & LOPES, Fábio Henrique. Entrevista com Sabina Loriga: a biografia como problema. In: Revista **História da Historiografia**. Ouro Preto, número 9. 2012. P.32

<sup>9</sup> BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: FERREIRA, Marieta e AMADO, Janaína (org). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996. P. 186.

Por essa forma inteiramente singular de nomeação que é o nome próprio, institui-se uma identidade social constante e durável, que garante a identidade do indivíduo biológico em todos os campos possíveis onde ele intervém como agente, isto é, em todas as suas histórias de vida possíveis. É o nome próprio “Marcel Dassault” com a individualidade biológica da qual ele representa a forma socialmente instituída, que assegura a constância através do tempo e a unidade através dos espaços sociais dos diferentes agentes sociais que são a manifestação dessa individualidade nos diferentes campos(...)<sup>10</sup>.

Diferentemente da posição abordada por Bourdieu sobre o nome, o historiador italiano Carlo Ginzburg juntamente com Carlo Poni propuseram usá-lo enquanto um fio condutor onde o indivíduo não é apenas uma oposição a sociedade, mas também, um “resultado da ação de indivíduos em suas relações com outros indivíduos”<sup>11</sup>. Uma metodologia de pesquisa que tem sido realizada na história social é o que eles tratam no texto “o nome e o como” propondo a micro história como forma de apreender a complexidade dos fenômenos<sup>12</sup>. Diante das formas de pensar a utilização das trajetórias no fazer biográfico é importante destacar que

O estudo da trajetória do moleiro Menocchio, ou de outras trajetórias de vida, só pode ganhar legitimidade se há uma flexibilização das próprias regras de organização do discurso histórico. É preciso abdicar da ideia concebida por Braudel da história como um grande mosaico. A sedutora fantasia de uma história total, gradativamente erguida pelo esforço conjunto de vários historiadores, não comporta casos que não estejam incluídos em sistemas explicativos. Para os partidários desse modelo de história, eles são anedotários, com baixo valor analítico. Daí a importância da história da arte e etnografia. As biografias só podem ser reconhecidas como lugar de articulação de uma escrita da história se esta é pensada como significação e re-significação do passado. Ou seja, como uma obra aberta.<sup>13</sup>

Diante do que foi dito até aqui, podemos perceber que a questão da biografia pode ajustar a esse discurso da trajetória. Através dela é possível pesquisar alguns dos vieses do biografado sem que, contudo, seja necessário abarcar toda sua vida. Um

<sup>10</sup> Idem.

<sup>11</sup> AVELAR, Alexandre de Sá. Figurações da Escrita Biográfica. In: *ArtCultura*, Uberlândia, v. 13, n. 22, p. 137-155, jan.-jun. 2011. P. 166

<sup>12</sup> GINZBURG, C. O nome e o como. Troca desigual e mercado historiográfico. In: C. GINZBURG; E. CASTELNUOVO e C. PONI (orgs.), *A micro-história e outros ensaios*. Rio de Janeiro /Lisboa, Bertrand Brasil /Difel, 1991, p. 169-178.

<sup>13</sup> SOUZA, A. B. Biografia e escrita da história: reflexões preliminares sobre relações sociais e de poder. In: *Revista Universidade Rural*. Série Ciências Humanas, Seropédica, RJ: EDUR, v. 29, n 1, p. 27-36, jan-jul, 2007. P.30

indivíduo pode conter vários, e por que não estudar foca a pesquisa em um desses. No caso da minha pesquisa, acredito que seja interessante repensar a questão de vê-lo como um Homem de Estado por alguns motivos, o primeiro deles, já mencionado anteriormente trata-se do fato de pensar o Domingos, sem enquadrá-lo. Enquadrá-lo nos levaria a uma tentativa de pensá-lo enquanto representativo de um meio. E por que não pensá-lo por si. D. Domingos era um Sousa Coutinho, formado em Leis pela Universidade de Coimbra, que atuou como diplomata para a coroa portuguesa. Aí estão alguns dados sobre Domingos. Dados estes que apontam principalmente para a sua carreira na diplomacia. Neste interim, a questão biográfica seria: quem era o diplomata D. Domingos Antônio de Sousa Coutinho e como se deu sua atuação na política externa portuguesa nas primeiras décadas do século XIX? Para responder a esta questão, algumas fontes foram arroladas e sua maioria tratam-se de correspondências oficiais, algumas confidenciais e de quadros políticos que tentavam passar para a corte os principais acontecimentos das investidas de Napoleão Bonaparte na Europa. Tais quadros políticos começaram a ser produzidos no ano de 1810.

### **A BIOGRAFIA E A RELAÇÃO COM AS FONTES**

A pesquisa que tem como foco a vida do diplomata português D. Domingos Antônio de Sousa Coutinho tem como principais fontes, suas correspondências em sua maioria oficiais, algumas com conteúdo confidencial, seus quadros políticos que integram o mote das correspondências. Diante da necessidade de contrabalancear as fontes contamos ainda com alguns de seus escritos tal como o Resposta Pública a denúncia secreta<sup>14</sup> e seus artigos em dois jornais o Correio Braziliense e O Investigador Português em Inglaterra.

Como apontado a preocupação com o uso de biografias ou de trajetórias nasceu do processo denominado “Renascimento da História Política”.<sup>15</sup> Neste processo, a história política passou a dialogar com outras disciplinas. Esta renovação de estudos acerca da História Política também pôde ser percebida no Brasil. Tendo como destaque a historiadora Ângela de Castro Gomes que chamou atenção para a utilização das

<sup>14</sup> GOUVEIA, R. da C. **Resposta pública a denúncia secreta que tem por título** “Representação que sua Magestade fez Antônio de Araujo de Azevedo em 1810”, Londres, 1820. Biblioteca Nacional.

<sup>15</sup> REMOND, René. (org) **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV.

correspondências enquanto fonte. Segundo a autora, tornou-se cada vez maior “o interesse dos leitores por um certo gênero de escritos – uma escrita de si -, que abarca diários, correspondências, biografias e autobiografias (...)”, privilegiando, assim, uma memória individual.<sup>16</sup> Tais práticas nos ajudam a ver como a trajetória de um indivíduo tem um caminho que se altera ao longo do tempo.

Através da escrita de si, utilizando-se de correspondências, diários, enquanto fontes historiográficas pode-se ter uma noção da trajetória de um indivíduo. Segundo Rebeca Gontijo, a correspondência denota um lugar de subjetividade e de sociabilidade “pois ela permite a construção e a transmissão de uma espécie de clima emocional, que possibilita aproximações e afastamentos entre os missivistas. Por meio dela, eles podem estabelecer relações sociais, revelando a multiplicidade de interesses e de negociações postas em prática em momentos e situações específicas”.<sup>17</sup>

As correspondências são um lugar da sociabilidade já que ela corresponderia ao que Gontijo chamou de “ato de presença”. Tal autora destaca o valor das correspondências privadas, no entanto, ao trazer o “jogo interativo” das correspondências em “que impõe a exigência recíproca de receber, ler, responder e guardar cartas”, de modo a manter a correspondência e a relação”<sup>18</sup>. Podemos perceber que este ato também é oportuno para as correspondências oficiais. Outro ponto a ser considerado na utilização de correspondências tanto privadas como oficiais é fato de que elas possuem uma linguagem retórica específica.

Como dito anteriormente, as principais fontes para o desenvolvimento desta pesquisa são em sua maioria correspondências. No Arquivo Nacional no Rio de Janeiro é possível ter acesso às seguintes coleções: Negócios de Portugal, Gabinete de D. João VI, Independência do Brasil: acontecimentos precursores e Ministério dos Negócios Estrangeiros e da Guerra. Na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro é possível encontrar no setor de manuscritos diversas cartas trocadas entre os membros da Família Sousa Coutinho na Coleção de Linhares, é possível microfilmar o que for de interesse do pesquisador. Outra coleção importante trata-se da Coleção Portugal que também pode ser

<sup>16</sup> GOMES, Ângela de Castro (org). **A escrita de si e a escrita da História**, Rio de Janeiro, FGV, 2004. P.20

<sup>17</sup> Idem. P. 266

<sup>18</sup> Idem. P. 267



encontrada na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro que possui todo o seu acervo compilado e organizado em um Inventário Analítico.

No Arquivo histórico do Itamaraty é possível ter acesso às seguintes coleções: D. João VI: Documentos autógrafos, assuntos estrangeiros, Ministério dos Negócios Estrangeiros e Correspondências de Estrangeiros. (AHIRJ) A maior parte desses documentos foi fotografada pela proponente que teve o trabalho de sistematizar tais fontes por período.

Ainda na biblioteca Nacional é possível encontrar cópias digitalizadas dos principais periódicos brasileiros, dentre os quais se encontram os 175 fascículos do *Correio Braziliense* (1808-1822). E, ainda, no setor de periódicos raros desta mesma biblioteca encontram-se os 92 fascículos do *Investigador Português em Inglaterra* (1811-1819). Assim como *O Campeão português* (1819- 1821). Podendo ser utilizados também outros periódicos do período de acordo com a necessidade e andamento da pesquisa. O texto de D. Domingos também pode ser encontrado no setor de obras gerais Biblioteca Nacional.No Instituto Histórico Geográfico Brasileiro se encontram correspondências trocadas entre D. Domingos e o Lord Strangford, embaixador britânico (IHBG).

O importante a ser destacado aqui é que as fontes utilizadas nesta pesquisa foram escritas por Domingos em um determinado momento e que elas foram produzidas para um correspondente, o que denota todo um cuidado na escrita e na retórica. Domingos foi um homem que possuía pelo menos dois pseudônimos; Jacob Methes e R. da C. Gouvea. Por trás da máscara dos pseudônimos Domingos poderia ter uma maior liberdade na escrita.

### **A BIOGRAFIA E A RELAÇÃO INDIVÍDUO - SOCIEDADE.**

A relação indivíduo *versus* sociedade já foi suscitada algumas vezes ao longo deste artigo, a começar pela visão mais social de Pierre Bourdieu em seu texto sobre a ilusão biográfica. Se no século XIX a relação indivíduo sociedade já se configurava como nos mostra Sabina Loriga, nos dias atuais ela ainda é uma questão a ser considerada e longe de ser totalmente resolvida, por isso, é tão passível de discussão.

Com a crise dos modelos marxistas e estruturalistas a noção de indivíduo voltou à tona.

Não se tem como negar que a biografia e com ela o indivíduo voltam à discussão após uma história preponderantemente coletiva. Sabina vai ao século XIX em que busca a compreensão dicotômica, utilizando para isso a expressão utilizada por Norbert Elias em se que opõe o indivíduo à sociedade.<sup>19</sup> Não à toa a historiadora francesa traz à tona a tese de Johann Gustav Droysen, historiador alemão, que em 1863 disse: “se chamamos A o gênio individual, a saber, tudo o que um homem é, possui e faz então este A é formado por a + x, de seu país, de seu povo, de sua época, etc., e em que x representa sua contribuição pessoal, a obra de sua livre vontade”.<sup>20</sup> Ainda segundo Sabina o x mesmo que minúsculo é o responsável pela movimentação da história, e por isso, é primordial.

Levando em consideração mais uma vez uma análise sociológica, podemos apontar a visão de Daniel Cefai. Segundo Cefai, o micro representado pelo próprio ator e o macro pelo contexto o qual ele pertence são indissociáveis, e que, se, pensados separadamente não fazem sentido. Ainda segundo ele, é possível pensar o micro, não apenas como uma redução de escala, e que é plausível fazer o estudo sobre este indivíduo. Tal estudo, ajuda na compreensão de como os atores se relacionam, colaboram, expressam ou solucionam seus problemas. O indivíduo, nessa perspectiva não deve, contudo, ser isolado. É um estudo do micro, que permite perceber o ambiente em que o ator esteve envolvido, mas que, ao mesmo tempo, nos dá uma noção estrutural.<sup>21</sup>

Nesta mesma perspectiva, as relações entre grupos e posicionamentos individuais leva ao que Serge Bernstein aponta ao debater a multiplicidade de perspectivas, pois, “estas estão sempre em contato uma com as outras, relacionando-se dialeticamente, enriquecendo-se mutuamente, muitas vezes de maneiras conflituosa, adaptando-se à conjuntura e definindo a identidade do indivíduo e da sociedade em que se insere”.<sup>22</sup>

Diante desta discussão é importante para esta pesquisa pensarmos o conceito de cultura política. Segundo Serge Bernstein, o conceito de Cultura Política pode adaptar-se a complexidade dos comportamentos, rompendo ainda com a ideia de Cultura Política no singular, levando em consideração as várias componentes que a cercam e que estão

<sup>19</sup> Tal oposição, segundo Giovanni Levi foi definida por Pierre Bourdieu como sendo um “absurdo científico”. Cf. LEVI, Giovanni. **Usos da biografia...** p. 168.

<sup>20</sup> Loriga, 2011. P. 14

<sup>21</sup> Cf.: CEFAL. *Expérience, culture et politique*. In: **Cultures politiques**. Paris: PUF, 2001.

<sup>22</sup> DELGADO, Márcio de Paiva. **Carlos Lacerda, Juscelino Kubistchek, João Goulart e a Frente Ampla de Oposição ao Regime Militar (1966-1968)**. Disponível em: [http://veredadahistoria.kea.kinghost.net/edicao4/Art.05\\_Carlos\\_Lacerda\\_revisado.pdf](http://veredadahistoria.kea.kinghost.net/edicao4/Art.05_Carlos_Lacerda_revisado.pdf)

em constante confluência. Se olharmos por esse âmbito, percebemos que os valores apreendidos pelo ator, não são estáticos e se modificam de tempos em tempos. Além disso, é importante ter em mente a preocupação com a teleologia. D. Domingos, por exemplo, foi um filho segundo que apesar de celibatário, não seguiu a carreira eclesiástica muito embora ele e seu pai, D. Francisco Inocêncio, tenham tentado. Se olharmos pelo âmbito do Antigo Regime este deveria ter sido seu destino. Mas não foi. Assim como D. João não havia nascido para assumir a Coroa Portuguesa.

D. Domingos era um ator social, na concepção trazida pelo antropólogo Fredrik Barth. O antropólogo trabalha com noções como: as de incertezas, incoerências, espaço dos possíveis. Para ele, a sociedade é formada por sistemas sociais que são fragmentados por incoerências, diferente de uma abordagem integrada e regida por normas coerentes. Leva-se em consideração, portanto, que as reações dos indivíduos não são homogêneas. Para Barth, o comportamento social não resulta de uma obediência mecânica a um sistema de normas; se a sociedade é fragmentada, os indivíduos se envolvem de maneiras diversas, e não de forma mecânica e sistematizada e privilegia como unidade de observação a interação entre as pessoas. Busca-se, portanto, assumir uma posição em que o trabalho inscreva D. Domingos em um jogo de “forças reticulares”, enfatizando os vínculos sociais os quais ele esteve inscrito.<sup>23</sup>

Desta forma, as ações de D. Domingos são resultados das escolhas e das estratégias que ele segue, de acordo com os recursos que possuía. Portanto, se as escolhas dependem dos recursos, juntamente com esses processos, surgem as incertezas e imprevisibilidades. Nas palavras do antropólogo, “o conceito de escolha não pode passar despercebido, o problema central se torna quais são os constrangimentos e incentivos que canalizam as escolhas dos indivíduos.”<sup>24</sup> Barth deseja explorar até que ponto podem ser explicados os padrões de forma social se assumirmos que eles são resultados de várias escolhas e decisões.

Se por um lado, eles são a menor escala capaz de fazer suas próprias escolhas e/ou traçar suas estratégias, de acordo com suas incertezas, limites e recursos.<sup>25</sup> Por

<sup>23</sup> SOUZA, Adriana Barreto. Entre o mito e o homem Caxias e a construção de uma heroicidade moderna. In: *Revista Locus*. Editora Ufjf. V. 7, n 1, Juiz de Fora, 2001, p. 93-106.

<sup>24</sup> BARTH, Fredrik. *Process and form in social life*. Vol.1, London: Routledge & Kegan Paul, 1981. P. 31.

<sup>25</sup> BARTH, Fredrik. *Process and form in social life*. Vol.1, London: Routledge & Kegan Paul, 1981.

outro, estes atores sociais são um ponto de encontro. D. Domingos é um ator social, agente de ações sociais que é possuidor de diversas relações sociais.<sup>26</sup> Nasce, dessa maneira, a noção de rede que é um conjunto de ligações entre diferentes indivíduos em uma sociedade. A relação de D. Domingos com outros atores sociais faz com que cada um destes se tornem um ponto de encontro dentro das relações. Tais relações são as mais diversas, que tem seu início já dentro da estrutura familiar, que no Antigo Regime, se traduzia pela casa. Além dessa, pode-se ter uma infinidade de relações que estão em confluência.

Neste ensaio, resolvi colocar algumas questões que me foram levantadas no neste primeiro ano de doutorado. A principal delas está atrelada à questão da biografia de D. Domingos, já que isso ditará todo o andamento da pesquisa. Acredito que o exercício de repensar o projeto seja muito proveitoso ainda mais quando passamos a ter um maior suporte teórico-metodológico pra isso. O que se pode perceber é que a questão biográfica, as fontes e a relação indivíduo sociedade não esgotam as discussões sobre o fazer biográfico. Muitas outras são suscitadas a quem se aventura a este gênero, tal como sua relação com a narrativa, por exemplo. No entanto, a difícil tarefa de se escrever uma biografia, ou mesmo uma trajetória, nos exige tais discussões. Principalmente quando se trata de uma biografia histórica.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVELAR, Alexandre de Sá. Figurações da Escrita Biográfica. In: ArtCultura, Uberlândia, v. 13, n. 22, p. 137-155, jan.-jun. 2011

\_\_\_\_\_. A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões. In: Dimensões, vol. 24, 2010, p. 157-172.

BARTH, Fredrik. Process and form in social life. Vol.1, London: Routledge & Kegan Paul, 1981.

BARTH, Fredrik. O Guru, o iniciador e outras variações. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: FERREIRA, Marieta e AMADO, Janaína (org). Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

<sup>26</sup> BARTH, Fredrik. **O Guru, o iniciador e outras variações**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

CARVALHO, Debora C. A. B. M. D. Domingos Antônio de Sousa Coutinho: um diplomata português na Corte de Londres (1807 - 1810), UFJF. Juiz de Fora, 2011.

CEFAI, Daniel. Expérience, culture et politique. In: Cultures politiques. Paris: PUF, 2001.

Coleção de Correspondências do Conde de Funchal, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1970. Manuscrito/ Lata 434, Pastas 15 a 17.

DELGADO, Márcio de Paiva. Carlos Lacerda, Juscelino Kubistchek, João Goulart e a Frente Ampla de Oposição ao Regime Militar (1966-1968). Disponível em: [http://veredasdahistoria.kea.kinghost.net/edicao4/Art.05\\_Carlos\\_Lacerda\\_revisado.pdf](http://veredasdahistoria.kea.kinghost.net/edicao4/Art.05_Carlos_Lacerda_revisado.pdf)

GINZBURG, C. O nome e o como. Troca desigual e mercado historiográfico. In: C. GINZBURG; E. CASTELNUOVO e C. PONI (orgs.), A micro-história e outros ensaios. Rio de Janeiro /Lisboa, Bertrand Brasil /Difel, 1991, p. 169-178.

GOMES, Ângela de Castro (org). A escrita de si e a escrita da História, Rio de Janeiro, FGV, 2004.

GONTIJO, Rebeca. História, cultura, política e sociabilidade intelectual. In: SOIHET, Rachel et alii(org). Culturas políticas e outros ensaios de história cultural. História política e ensino de história. Rio de Janeiro, Mauad, 2005.

GOUVEIA, R. da C. Resposta pública a denúncia secreta que tem por título "Representação que sua Magestade fez Antônio de Araujo de Azevedo em 1810", Londres, 1820. Biblioteca Nacional.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta e AMADO, Janaína (org). Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

LORIGA, Sabina. O pequeno X: da biografia à História. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2011

PAYO, Luiz de Mello Vaz de São. Indevida admissão na ordem de Malta: D. Francisco Maurício de Sousa Coutinho. Filermo, Lisboa, V3, 1994.

REMOND, René. (org) Por uma História Política. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV.

SILVA, Ana Rosa Clocllet da. Inventando a nação. Intelectuais Ilustrados e Estadistas Luso-Brasileiros na Crise do Antigo Regime Português (1750-1822). São Paulo HucitecFapesp, 2006.

SOUZA, A. B. Biografia e escrita da história: reflexões preliminares sobre relações sociais e de poder. In: Revista Universidade Rural. Série Ciências Humanas, Seropédica, RJ: EDUR, v. 29, n 1, p. 27-36, jan-jul, 2007.

\_\_\_\_\_. & LOPES, Fábio Henrique. Entrevista com Sabina Loriga: a biografia como problema. In: Revista História da Historiografia. Ouro Preto, número 9. 2012.

Entre o mito e o homem Caxias e a construção de uma  
heroicidade moderna. In: Revista Locus. Editora Ufjf. V. 7, n 1, Juiz de Fora, 2001, p.  
93-106.

